



## DITADURA MILITAR E IMPRENSA ALTERNATIVA EM GOIÁS: O JORNAL TOP NEWS (1973-1998) E A COOPERATIVA DE JORNALISTAS DE GOIÁS – PROJORNAL (1978-1983)<sup>1</sup>

MENEZES, Kalyne. Doutoranda, UFG, Goiás.<sup>2</sup>

BORGES, Rosana Maria Ribeiro. Pós-doutora em Comunicação, UFG, Goiás<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta a necessidade de construção do conhecimento acerca da História da Imprensa em Goiás, Brasil, especificamente sobre o jornal *Top News* (1973-1998) e a Cooperativa de Jornalistas de Goiás – Projornal (1978-1983). As duas experiências são relevantes enquanto prática de um jornalismo engajado, independente, alternativo e de resistência ao governo militar no Brasil. Por meio de um levantamento bibliográfico inicial, constatou-se que há uma quase inexistência de produções acadêmicas sobre o jornal e a cooperativa e, com isso, compreende-se que a maneira viável para construir uma leitura sobre o *Top News* e a Projornal seja por meio de uma pesquisa histórica, com abordagem qualitativa que contará com a expansão do levantamento bibliográfico, da pesquisa documental e da própria história oral, a fim de complementar os instrumentos de coleta de dados e reunir informações necessárias para que a análise de narrativas seja efetivada. Com isso, espera-se poder historiografar tanto o jornal *Top News*, quanto a própria Projornal.

**Palavras-chave:** História da Mídia Alternativa; História da Imprensa Goiana; Jornal *Top News*; Projornal.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A historiografia da imprensa do Estado de Goiás, Brasil, ainda carece de estudos acadêmicos que construam a narrativa de seu desenvolvimento na região. Mesmo que o primeiro jornal da região, *Matutina Meiapontente*, seja datado de 1830, as pesquisas históricas sobre a imprensa goiana ainda estão em construção, tanto com foco tanto nos primeiros periódicos que circularam no século XIX, quanto nos que compõem o diversificado

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

<sup>2</sup> Jornalista. Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing, Universidade Federal de Goiás, UFG. Mestra e Doutoranda em Comunicação, Cultura e Cidadania, UFG. Membro dos grupos de pesquisa "Mídia, Imagem e Cidadania" e "História da Comunicação em Goiás", CNPq. Bolsista Capes. E-mail: mskalyne@gmail.com.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), Doutora em Geografia (IESA-UFG), Mestra em Educação Brasileira (FE-UFG), Bacharel em Comunicação Social (DECOM-UFG). Professora do Curso de Jornalismo e do PPGCOM FIC-UFG e Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás (CNPq). E-mail: rosana\_borges@ufg.br.



jornalismo goiano do século XX. Tendo isso em vista, somou-se a necessidade de potencializar estudos históricos do jornalismo goiano, e criou-se, em 2019, o Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás<sup>4</sup>, no qual o presente estudo está amparado teórica e metodologicamente. Além disso, a presente pesquisa integra uma investigação mais completa a ser desenvolvida em um Projeto de Pesquisa vinculado à Linha de Pesquisa Mídia e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), nível Doutorado, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG)<sup>5</sup>.

Assim, a pesquisa aqui exposta tem como ponto de partida uma necessidade latente de construir conhecimento científico e historiográfico sobre a História da Imprensa em Goiás, com foco no início da década de 1970, contexto da ditadura militar no país. Abordou-se, então, o Jornal *Top News* (1973-1998), considerado um periódico irreverente, engajado, debochado e crítico que, durante sua existência, passou por diversos fechamentos por motivos que vão desde a censura do regime militar à dificuldades financeiras inerentes à manutenção de um jornal alternativo. Embora o *Top News* circulasse principalmente em Goiânia, capital de Goiás, chegou a ter sucursais em Anápolis (cidade da Região Metropolitana de Goiânia) e Brasília (capital federal do Brasil) nas sua melhor fase. O jornal também alcançava as redações de grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro.

Alguns anos após a criação do jornal *Top News*, em 1978, muitos dos jornalistas que integravam a redação junto a outros profissionais da imprensa fundaram a Cooperativa de Jornalistas de Goiás (*Projornal*). A Cooperativa editou diversos jornais, como o *Jornal de Deboche*, o *Xarme*, o *Germinal* e *4 de Outubro*, e chegou a editar o *Top News* em parte da sua primeira fase (1973-1983). De acordo com dados levantados até aqui, a *Projornal* foi concebida como uma alternativa ao modelo mercadológico vigente, além de também representar uma entidade de resistência face ao regime militar.

Tendo em vista a importância simbólica dessas duas experiências para a sociedade goianiense e a carência de estudos acadêmicos sobre elas, identificada por meio de um

<sup>4</sup> Grupo certificado pela Universidade Federal de Goiás e pelo CNPq. Link de acesso: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9894177026176850](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9894177026176850).

<sup>5</sup> Trabalho desenvolvido por Kalyne Menezes e orientado por Rosana Borges.



levantamento bibliográfico<sup>6</sup>, é que se propõe um estudo mais aprofundado para resgate histórico do jornal *Top News* e da *Projornal*. Como dito, este trabalho mais completo será desenvolvido em um Projeto de Pesquisa vinculado ao PPGCOM FIC-UFG, nível Doutorado, tendo como outra base o Grupo de História da Comunicação em Goiás. O principal questionamento, portanto, volta-se para o que é possível saber a respeito do *Top News* e da *Projornal*, experiências de imprensa alternativa que, até o presente momento, estão silenciadas na História da Imprensa goiana.

Nessa perspectiva, compreende-se que o melhor caminho metodológico para reconstruir essa história é por meio de uma abordagem qualitativa, que promove “uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 224). A principal base teórico-metodológica é a Análise Cultural, compreendida como principal método de procedimentos, segundo a qual Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2020, p. 27) afirmam que “tal análise compreende que os produtos não existem isoladamente e não devem ser pensados apenas a partir de suas características internas, mas que são, de fato, inteiramente dependentes dos contextos que os abrigam”. Partindo da abordagem qualitativa e do apontamento da Análise Cultural como método de procedimentos, definiu-se os seguintes instrumentos de coleta, sistematização e análise dos dados: levantamento bibliográfico, pesquisa documental, análise de narrativas e história oral.

No levantamento bibliográfico, foi realizada uma ampla busca sobre o jornal *Top News* e a *Projornal* em referências de História da Comunicação no Brasil e em Goiás que

---

<sup>6</sup> No Levantamento Bibliográfico empreendido, encontrou-se apenas um artigo sobre o *Top News*. Intitulado Lições de um jornalismo debochado, o texto, assinado por Mariane Rodvalho (2006), foi publicado em 2006 na Revista *Intervozes do Coletivo Brasil de Comunicação Social*. A esses somam-se quatro produções de Menezes e Borges (2019; 2020) desenvolvidas durante o doutoramento e sendo apresentadas e divulgadas no Congresso Intercom Centro Oeste de 2019 e 2020, no XV Congresso Alaic e na Revista *Panorama* sobre os seguintes títulos, respectivamente: “Imprensa alternativa em Goiás: o Jornal *Top News* (1973-1983) e a Cooperativa de Jornalistas de Goiás (*Projornal*) no contexto do final da ditadura militar” (MENEZES; BORGES, 2019); “A Edição do Adeus: como o Jornal *Top News* (1973-1983) retratou o seu próprio fechamento” (BORGES; MENEZES, 2020); “O Jornal *Top News* (1973-1998) e a Cooperativa de Jornalistas de Goiás: *Projornal* (1978-1982) como experiências de Imprensa Alternativa no contexto do regime militar no Brasil” (MENEZES; BORGES, 2020); e “Jornal *Top News* (1973-1983) e Cooperativa de Jornalistas de Goiás (*Projornal*): enfrentamentos da imprensa alternativa à ditadura Militar (MENEZES; BORGES, 2020).



consultou acervos a Hemeroteca Digital e o Acervo de Goiás, como primeiras referências, e Museu Casa de Cora Coralina, Arquivo Frei Simão e Biblioteca da Câmara dos Deputados. Além disso, foram consultados os editores do jornal em sua primeira fase (1973-1983), que não dispunham de nenhum exemplar. A intenção é continuar a busca pelo acervo por outros meios e, na fase de entrevistas, consultar os demais jornalistas sobre possíveis exemplares que possam ter sido guardados por eles. Além do artigo de Rodovoalho (2006), foi encontrado um livro sobre jornalismo alternativo em Goiás de Marinho (2009), mas este cita o *Top News* e a *Projornal* com informações insuficientes quanto ao jornal e à Cooperativa. Mesmo se limitando à exploração dos assuntos, esta última obra serviu para dar pistas quanto a alguns questionamentos a serem realizados durante a pesquisa.

A pesquisa documental é conceituada por Kripka, Scheller e Bonotto (2015) como aquela que, ao acessar documentos dos mais diversos tipos que permanecem inalterados, possibilitam uma seleção, tratamento e interpretação da informação com intuito de agregar valor à pesquisa. “Quando isso acontece há um incremento de detalhes à pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos. (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 243). Para esta pesquisa, após um ano e meio de buscas, foi encontrada parte do acervo do jornal *Top News* com a família de um dos fundadores do jornal, Paulo Ramos da Silva. Quanto aos documentos da *Projornal*, foram iniciadas as buscas por fontes documentais em instituições goianas que, no período de existência da *Projornal*, agregavam cooperativas.

Em relação à análise de narrativas, Muylaert *et al.* (2014, p. 196) afirmam que “as narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos”, além de serem “constitutivas de fenômenos sócio históricos específicos nos quais as biografias se enraízam”. Por esta razão as entrevistas narrativas e a história oral se mostram muito pertinentes à pesquisa pois permitem investigar e identificar, a partir da oralidade e dos discursos dos sujeitos, contextos políticos, sociais, históricos e outros elementos presentes em um determinado período.

Gomes (2003, p. 22) destaca que a narrativa é vista a partir de dois ângulos, sendo “um método fundamental de crença pessoal e social onde a investigação se baseia em processos de crença [...] é também um método que consiste em fazer a descrição e a reconstituição histórica da estrutura narrativa da experiência”. Assim, ao final da pesquisa



citada anteriormente, espera-se reconstituir a história do *Top News* e da *Projornal* com os documentos e dados encontrados, além dos relatos dos jornalistas que participaram dessas iniciativas e ainda estão vivos, marcando o lugar dessas experiências de jornalismo alternativo e independente na História da Comunicação em Goiás.

## O JORNAL *TOP NEWS*

Fundado em junho de 1973, o *Top News* foi um semanário fundado por Paulo Ramos da Silva e Cristóvão Gabine do Nascimento. Seu nascimento deve-se, em grande parte, ao inventivo do governador estadual de Goiás, Ari Valadão, o último indicado pelo governo militar. O governo distribuía verbas de publicidade para jornais, inclusive os da chamada imprensa alternativa e os que se opunham à ditadura, desde que Maria Valadão, primeira-dama e conhecida como Dona Cotinha, não fosse alvo de notícias e editoriais. Nesse contexto, nasce o *Top News*, que em sua primeira fase circula até 1983, final da ditadura militar.

Nesse período, em sua primeira fase, o jornal circulou até 1983, mas chegou a ser fechado uma vez, de 1974 a 1978, por conta do regime e da censura<sup>7</sup>. Em seguida foi novamente reaberto sob a direção de Paulo Ramos Silva, Fued José Nassif e Henrique Duarte Ferreira. Com isso, seu arquivo foi danificado e por isso dado como perdido. Por esta razão, possivelmente, há uma carência de estudos acerca do periódico e uma dificuldade evidente de encontrar o acervo. Nas buscas empenhadas até aqui, encontrou-se um exemplar dessa fase junto à família de Paulo Ramos da Silva, sendo este a última edição do jornal referente a esse período que se findou em 1983. As demais edições encontradas são da década de 1990, quando o impresso teve uma mudança significativa em sua linha editorial assumindo um caráter mais comercial. Para esta pesquisa, decidiu-se concentrar no período do final do regime militar, décadas de 1970 e 1980, e, por isso, apenas essa edição foi considerada para análise que, posteriormente, será agregada à ela os relatos orais de jornalistas que trabalharam na redação neste período.

<sup>7</sup> Informações obtidas em visita a Paulo Ramos de Oliveira Júnior, realizada no dia 09 de setembro de 2020, para busca do acervo do jornal *Top News*, em Posse-Goiás.

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA  
EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO  
SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:  
190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

Realização: Alcar PPGCOM FIC UFG

Apoio: UFMS FAPESP FAPEG

WWW.ALCARCO.COM

O periódico tinha 32 páginas, formato tabloide, lembrava os pasquins que foram comuns nessa época como jornais críticos e de oposição ao governo. Utilizava em suas reportagens linguagem crítica, ácida, irreverente e debochada (RODOVOALHO, 2006), a qual se tornou uma grande marca do jornal. Além disso, havia espaço para artigos opinativos, coluna social, notas curtas, charges e moda.

Figura 1: Capa da edição n. 260 do Jornal Top News (fase 1973-1983)



Fonte: Acervo da família de Paulo Ramos da Silva.

O jornalista e professor Joômar Carvalho de Brito Neto, que foi editor do periódico durante cinco anos, destacou em entrevista preliminar concedida para este estudo<sup>8</sup> (BRITO NETO,

<sup>8</sup> Entrevista concedida no dia 16 de janeiro de 2019, por e-mail.



2019, n.p.) que comumente os artigos opinativos eram publicados na íntegra, dando um tom editorial sem cortes ou censura, o que também é corroborado pela análise de Rodovalho (2006, p. 169-170):

A idéia original do semanário, criado em 1973, era firmar-se como um jornal de serviços. Assumido por jornalistas da revista Planeta, o Top News passa para uma nova fase e adquire vertente de caráter místico. Apenas a partir de 1980, quando o jornalista Joãoimar Carvalho assume a edição do jornal, o Top News se transforma em um semanário de crítica política de Goiás. A crítica debochada surge aos poucos, conforme seus jornalistas vão percebendo que assim sua mensagem chegava com mais força, e mais longe. O jornal inovou ao abrir espaço para movimentos populares e setores emergentes da política de esquerda publicarem suas opiniões, sem cortes. E, assim, tornou-se referência. O Top News também ironizava os veículos tradicionais e autoritários, ao mesmo tempo que aceitava e fazia sua própria autocrítica, tudo com muita clareza e abertura.

Sua tiragem girava em torno de 30 a 35 mil exemplares por semana, chegando a ter edições de 46 mil unidades, de acordo com Paulo Ramos da Silva Júnior. A distribuição era gratuita, em vários pontos da cidade de Goiânia, como as praças e órgãos públicos. Tendo em vista a carestia do preço do papel, pode-se considerar que era uma distribuição considerável de exemplares. Nessa época, o jornal *O Popular*, um dos principais de Goiânia e Centro-Oeste, tinha tiragem de 16 mil unidades.

Segundo o jornalista e também professor Nilton José dos Reis Rocha, em entrevista a Rodovalho (2006), a distribuição gratuita contribuía para que o jornal *Top News* tivesse amplo alcance, chegando em bairros periféricos da cidade e na Região Metropolitana de Goiânia. Além disso, Brito Neto (2019) destacou que o semanário, em sua melhor fase, chegou a ter sucursais em Anápolis e em Brasília, e era enviado para as principais redações do país em São Paulo e no Rio de Janeiro. Esse contexto de crítica e a distribuição contribuíram para que o *Top News* fosse considerado um importante veículo jornalístico em sua época, visto que as matérias, como afirma Brito Neto (2019, n.p.), “eram espaços de desabafos inteligentes, que ganharam força na última etapa do jornal [...]. Era o jeito do jornal na sua fase mais madura editorialmente. Por isso, era respeitado”. Além disso, Rocha (*apud* RODOVOALHO, 2006) enfatiza a abertura do semanário a temas sociais, caracterizando o que considera uma linha editorial popular e também comunitária. O jornalista destaca a cobertura de temas como movimentos:



As pessoas procuravam o *Top News* porque ele era uma referência. Os políticos de oposição e os movimentos sociais sabiam que, no *Top News*, o material deles seria veiculado sem nenhum corte. Todo tipo de material. O *Top News* era um jornal muito aberto e foi um dos primeiros, por exemplo, a falar do movimento gay, a ter como linha uma defesa do homossexualismo enquanto direito. Isso era um absurdo para a época. Os movimentos urbanos, os posseiros urbanos, alguns movimentos de sabedoria popular, movimento das donas de casa, ONGs ligadas ao movimento popular, todo mundo tinha espaço no *Top News*. Ele era o desaguadouro de muitas dessas inquietações e aspirações dos movimentos populares. (ROCHA *apud* RODOVOALHO, 2006, p.175).

Um dos maiores destaques do jornal, sem dúvida, era a denúncia de torturadores durante a fase da ditadura, o que acarretou em perseguição política a vários jornalistas ligados ao *Top News*. Além das pautas, o jornal também tinha como prática acolher em sua redação jornalistas recém-formados, o que era importante na época em vista do desemprego e da própria perseguição aos jornalistas, e possibilitou um aprendizado diferenciado da prática jornalística em uma mídia alternativa.

Em 1983, quando Iris Rezende Machado assumiu o Governo de Goiás, o jornal *Top News* fechou as portas, assim como outros veículos e experiências progressistas. “Ao chegar ao poder, Íris realizou uma faxina na distribuição publicitária, o que asfixiou os pequenos veículos com os contratos de prestação de serviços”, afirma Rodovoalho (2006, p. 170). Segundo a autora, o governo limitou a verba publicitária que era direcionada à imprensa e fechou três jornais diários, apenas o jornal *O Popular* mantinha o patrocínio estadual. “O contexto obrigou a transferência de grande parte da redação do *Top News* para o quadro de outra iniciativa que buscou dar ao estado uma nova possibilidade de imprensa qualificada, crítica e independente, a Cooperativa de Jornalistas de Goiás (Projornal)”, complementa Rodovoalho (2006, p.170).

## A PROJORNAL

No Brasil, a primeira cooperativa brasileira surgiu em Minas Gerais, em 1889, 45 anos após a criação da Sociedade dos Probos de Rochdale na Inglaterra, considerada a primeira do



mundo. Em Goiás, as cooperativas começaram a aparecer a partir de 1949<sup>9</sup>, após incentivo estadual previsto em lei no ano de 1946. Segundo dados Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Goiás (2016), no final dos anos 1980 o cooperativismo goiano já reunia cerca de 90 cooperativas associadas, e a Cooperativa de Jornalistas de Goiás - Projornal fez parte desse quadro de 1978 a 1983.

A fundação da Projornal se deu em um contexto crítico do jornalismo brasileiro e goiano, marcado pela censura, ameaças à jornalistas. Em Goiás, adicionava-se a isso as restrições quanto à contratação de profissionais, que gerava a necessidade de criação de mercados alternativos para jornalistas que sofriam as perseguições da ditadura militar. Outro fator que motivou a criação da cooperativa foi a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1978, vítima da linha dura do governo de Ernesto Geisel. A morte de Herzog foi o pontapé para inúmeros movimentos em oposição à ditadura, e a Projornal foi uma das iniciativas impulsionadas nesse contexto. Além disso, jornalistas goianos participaram do VIII Encontro Nacional de Liberdade de Imprensa da Universidade de São Paulo, onde conheceram modelos de cooperativas de jornalistas, como a Cooperativa de Jornalistas do Rio Grande do Sul, Coojornal.

Munidos dessa inspiração, 29 sócios-fundadores criaram a Projornal em 12 de dezembro de 1978. A jornalista Marli da Silva Brasil foi a primeira presidente do Conselho Administrativo da Cooperativa, eleita em solenidade realizada no auditório da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Goiás (EMATER GO). Além dos sócios-fundadores, a solenidade contou com a presença do chefe do Serviço de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria da Agricultura de Goiás, Clemente Álvares Aquino, e do gerente de Cooperativismo da EMATER-GO, Afonso Vieira Barros, mais jornalistas, simpatizantes e apoiadores da iniciativa (Da Projornal, 1980). A autorização de funcionamento, emitida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que era o órgão responsável pelas cooperativas brasileiras, saiu pouco mais de um mês depois, em 31 de janeiro de 1979.

<sup>9</sup> Informações do Sistema OCB/GO. Disponível em: <http://www.goiascooperativo.coop.br/cooperativismo/contextualizacao-historica-do-cooperativismo/cooperativismo-em-goias/>. Acesso em 17/02/2021.



Nos demais órgãos a que deve ser vinculada a Projornal foi registrada ou deu entrada, sob os seguintes números: Junta Comercial do Estado, 52.40008290, em 12 de fevereiro de 1979; Serviço de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria da Agricultura, em 16 de fevereiro de 1979; 84/79, Organização das Cooperativas de Goiás, em 22 de fevereiro; 324.171,8/00, Cadastro Comercial, Industrial e Prestacional da Prefeitura de Goiânia, em 16 de maio de 1979. A Cooperativa é isenta de Imposto de Renda, embora esteja registrada também nesse serviço, e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (DA PROJORNAL, 1980, p. 366).

Goiânia era a cidade onde ficava a sede administrativa e o foro jurídico da Projornal, mas a área de abrangência da Cooperativa contemplava todo o Estado de Goiás. O principal objetivo da instituição era a colaboração mútua entre os seus associados, que eram jornalistas e outros profissionais ligados ao ramo da Comunicação Social. Assim, a Projornal buscava promover “o estímulo, desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades de caráter comum; a venda em comum de sua produção jornalística, publicitária, editorial e de serviços gráficos nos mercados locais, nacionais e internacionais” (DA PROJORNAL, 1980, p. 366). Pode-se considerar a atuação da cooperativa como semelhante a uma editora, já que ela era encarregada por organizar, reunir, registrar, editar e comercializar a produção dos seus cooperados.

A Projornal durou cerca de cinco anos e teve como presidente além de Marli Brasil, Joãoimar Carvalho de Brito Neto, Jales Naves, Gina Louise e Elza Trancoso (MARINHO, 2009). Apesar da sua relevância social e cultural, a *Projornal*, assim como o *Top News*, chegou ao fim. Brito Neto (2019, n.p.) afirma que o maior problema enfrentado pela Cooperativa foi a falta de dinheiro, de estrutura e de gestão, pois a renda dos periódicos que a Projornal editava não cobria gastos mínimos para mantê-la em funcionamento. Segundo ele, “a renda dos jornais editados A renda dos jornais editados não era suficiente para cobrir os custos rotineiros: do que sobrava de um pagamento, pagava-se a gráfica; do restante, rateavam-se 15%, sendo 10% para a manutenção e 5% para reposição de capital”. Somava-se a isso a crise no mercado jornalístico, que levou muitos profissionais para a cooperativa em busca de emprego, mas não havia a contrapartida de garantia de suas cotas de associados. A Projornal assumiu compromissos além da sua capacidade financeira, que aliada a falta de patrimônio, falta de recursos e problemas de gestão levou ao fim da cooperativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências do jornal *Top News* e da Cooperativa de Jornalistas de Goiás revelam parte de uma História do Jornalismo em Goiás que precisa ser narrada. No contexto histórico dessas experiências, em um Brasil que ainda carrega marcas de uma ditadura militar, é fundamental identificar, registrar e narrar as práticas e ações atreladas ao fazer jornalístico do jornal e da cooperativa, afim de também agregar conhecimento sobre esse período tão marcante na história brasileira.

Ademais, a ausência e carência dessas narrativas apontam a urgência em se construir uma Historiografia que resgate a memória do *Top News* e da *Projornal*. Pretende-se fazer isso por meio dos documentos, ainda em busca, e do registro de memórias de jornalistas que participaram dessas iniciativas e que ainda se encontram vivos para contar essa história. Esse resgate história do *Top News* e da *Projornal* é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade para a História da Imprensa goiana e nacional.

Iniciativas como essas são importantes por diferentes fatores, dentre eles a representatividade no exercício do jornalismo em contextos políticos e sociais, especialmente os de resistência. Além disso, tais experiências sempre dialogam com a sociedade ao longo do tempo, e refletem, de certa forma, ideias vigentes e oposição às mesmas. São retratos de realidades de um espaço e um tempo, retratado no jornal *Top News* e nas tentativas da *Projornal* de alternativa e independência, tanto em relação ao conteúdo quando ao modelo mercadológico. Ao mesmo tempo, tais experiências carregam o tom da inovação, seja pela resistência, seja pelo seu desenvolvimento face a entraves políticos e econômicos, e até mesmo a ideais e paixões de um jornalismo engajado e crítico.

## REFERÊNCIAS

DA PROJORNAL. (1980). In: **Associação Goiana de Imprensa**. Imprensa goiana: depoimentos para sua história. Goiânia: CERNE, 365-367.

BRITO NETO, J. C. (16 de janeiro de 2019). **Entrevista** concedida a Menezes, K. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mskalyne@gmail.com>.



GOMES, A. (2003). **A Narrativa enquanto Instrumento de Investigação e de Autoconhecimento**. Um estudo da narrativa pessoal de uma professora de educação física acerca da sua experiência no projecto "Férias em Português em Timor Lorosa'e". Dissertação de Mestrado em Ciência do Desporto, na Área de Especialização de Desporto de Crianças e Jovens. FCDEF - UP, Porto.

MARINHO, M. B. (2009) **A Imprensa Alternativa e a Comunicação Comunitária em Goiás: Décadas de 70/80: da Resistência à Cidadania**. Goiânia: UCG, Kelps.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. In: 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. **Anais...** Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

STEFFEN, L. S.; HENRIQUES, M. N.; LISBOA FILHO, F. F. Análise cultural-midiática como protocolo teóricometodológico de pesquisas em comunicação. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 43, n. 3, p.21-39, set./dez. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/interc/v43n3/1809-5844-interc-43-3-0021.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

RODOVOALHO, M. (2006). Lições de um jornalismo debochado. In: **Vozes da Democracia: histórias da comunicação na redemocratização do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Intervozes : Coletivo Brasil de Comunicação Social, 168-180.

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS NO ESTADO DE GOIÁS. **União e transformação: 60 anos de história do cooperativismo em Goiás / Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Goiás**. Goiânia: OCB/SESCOOP-GO, 2016. Disponível em <http://www.goiascooperativo.coop.br/arquivos/downloads/livro-60-anos-6-diagramacao-medio-002615.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.